



Sobre “André Carneiro nos quânticos da incerteza: o centenário”, de Ramiro Giroldo

About “André Carneiro nos quânticos da incerteza: o centenário”, by Ramiro Giroldo



GIROLDO, Ramiro. **André Carneiro nos quânticos da incerteza: o centenário**. São Paulo: Yhade, 2022, e-book Kindle, 14440 KB/50 páginas.

Carolina de Oliveira Silva¹

André Carneiro nos quânticos da incerteza: o centenário é um livro que celebra o centenário de um dos artistas brasileiros mais ecléticos, poeta da Geração de 45 e reverenciado pela sua ficção científica de laboriosa classificação. Ao destacar sua visão humanista e a relação com a vertente mais *soft* do gênero, o ensaio faz jus à produção poética

¹ Doutoranda em Multimeios (Unicamp), mestra em Comunicação Audiovisual (Anhembí Morumbi), especialista em História da Arte (Faculdade Paulista de Artes) e bacharel em Rádio, TV e Internet (UAM). É roteirista, professora de comunicação e arte, colaboradora do portal Delirium Nerd e desenvolve pesquisa relacionada às personagens femininas nos filmes de ficção científica brasileiros. E-mail: carolinacarol@gmail.com

– englobada por sua prosa e verso, afinal, o próprio Carneiro recusava tal separação – ao ofertar, para além do texto, as ilustrações de Marina Perrenoud e a instigante capa de Daniel Abrahão. Se, na introdução, Marcello Simão Branco já indica o estranhamento a que a obra de Carneiro é devedora, a ilustração que separa o prefácio dos capítulos parece rematar em imagem o que encontramos na escrita de um autor tão multifacetado: uma figura humana de costas, portanto, misteriosa, fundida em uma paleta de cores vasta – verde, azul, roxo e vermelho; o seu corpo em direção à luz pode tanto preceder à descoberta, quanto encobrir nossas limitações.

Ramiro Giroldo, autor do livro, é professor e pesquisador com ampla experiência na área de literatura, com mestrado sobre o assunto, desenvolveu a dissertação *A ditadura do prazer: ficção científica e literatura utópica em Amorquia*, de André Carneiro (2008), além de uma pesquisa de doutorado sobre outro escritor igualmente fundamental para a FC brasileira, *Alteridade à margem: estudo de As Noites Marcianas*, de Fausto Cunha (2012). Aqui, Giroldo elabora um texto que deveras contribui com os estudos críticos sobre o gênero em nosso país, e que, como aponta Branco no prefácio, ainda orbita à margem da academia.

Até o momento, essa não é nenhuma novidade para aquelas e aqueles que se dedicam à pesquisa acadêmica, ou até mesmo a escrita de FC, pelo menos em território nacional. Contudo, me explico novamente pela mística ilustração de Perrenoud, agora mais a frente como divisora do penúltimo capítulo – que precede aquele dedicado ao impacto da ditadura na vida e obra de Carneiro: uma outra figura humana nos é apresentada, agora de perfil, uma inesperada sobrelha azul e um ouvido ausente da mesma cor, a luz surge da sua mão, agora de dentro e não de fora, como antes. Tal ilustração incita novamente um caminho – se a luz significaria algum tipo de salvação, irradiar das mãos de alguém não é mera coincidência, a poiesis, a criação – seja na literatura, fotografia, artes plásticas ou cinema, indica não uma direção exata, mas àquilo que devemos, independentemente de nossa época, prestar atenção. E, com certeza, *André Carneiro nos quânticos da incerteza: o centenário* é uma dessas coisas.

Ramiro Giroldo nos conta em um prefácio de curtas três páginas – curtas diante da relevância de sua trajetória convertida em palavras –, o convite que recebera de Roberto de Sousa Causo para escrever um texto sobre a produção de André Carneiro. Ao dispensar comentários mais demorados sobre sua abordagem e opções críticas – terreno que é percorrido substancialmente pelo pesquisador –, Giroldo descreve, como em breves e encantadoras crônicas, suas experiências com

Carneiro. Foram trocas de *e-mail* gentis que, para pesquisadores, iniciantes ou não, assinalam um ambiente acadêmico que ainda é formado por pessoas generosas e fascinantes... e que prossiga assim! Para além do contato com importantes figuras da FC nacional – Finisia Fideli, M. Elizabeth “Libby” Ginway, Roberto de Sousa Causo, Braulio Tavares e outros –, a hospedagem que recebera Giroldo de seu objeto de estudo no mestrado revelou um artista que não apenas em sua obra preocupou-se com o elemento humano, mas o fizera em vida fora dos livros. Um autêntico alienígena, sua produção está repleta de camadas que merecem o desnudamento, como no corpo perfeito da mulher em seu conto *A prostituta* (1963), coberta de escamas que incitam à procura sobre o que existe de mais profundo nas criaturas e criações.

Ao rever o ensaio escrito à época do centenário para a sua publicação no ano de 2022, Giroldo opta por falar do passado em tempo presente, isso significa, dessarte, conceder a real dimensão de um autor que não pode ser esquecido. É como se houvesse um acordo secreto entre gerações, o qual Walter Benjamin (2012), diante de seu anjo historiográfico, é capaz de descrever em imagens, “não passa por nós um sopro daquele ar que envolveu os que vieram antes de nós?” (n.p.). Então, que esses ventos que percorrem os mais diferentes tempos e lugares soprem mais forte a partir de agora.

Com divisão em cinco capítulos, *André Carneiro nos quânticos da incerteza: o centenário* apresenta as primeiras experiências do artista que, desde o início, mostrou-se em fuga do lugar-comum. Diante de um caráter cada vez mais dissociativo e fragmentado, Giroldo mergulha nas análises atentas de contos e romances, indicando não só a riqueza das obras literárias, mas as possibilidades de poder lê-las em inúmeros contextos. Finalmente, o pesquisador encontra os versos que, para Carneiro, possuem “a intenção de exprimir o inexprimível” (p. 43), em que o afastamento das certezas parece sintetizar sua obra como um todo: nega-se o pensamento cartesiano em favor de uma dúvida nunca sanada; aqui, sua FC cumpre o papel que ao gênero me parece ser designado – o de desconstruir. Em seguida, nos defrontamos com um acontecimento que parece perturbar, pelo menos momentaneamente, a esteira da desconstrução: o cenário do Golpe Militar. 1964 é um ano que faz Carneiro se reinventar; assim, para um autor que trabalhara em grande parte de suas histórias com um corpo assimilado como ferramentas de subversão, a mudança de nome, o novo corte de cabelo e o bigode ausente, convertem em ação o que antes só era possível nos versos. Por último, o autor do ensaio se dedica ao substantivo feminino que ronda toda a obra de Carneiro – a incerteza, rememorando um autor que se recusa à classificação genérica, sem, no entanto, desprezar

a FC, mas promovê-la aquém dos rótulos.

Em “1 – Prosa, verso e negativos: os primeiros anos”, o preâmbulo do estudo de Carneiro é estabelecido, assim como suas particularidades em uma arte multifacetada – as denominações, segundo Giroldo, são inesgotáveis. Questionar as aparências já é algo que surge em sua estreia com o poema “Colégio”, de 1949, justamente por colocar em combate aquilo que desejamos e o que é proibido. A maturação, como aponta o pesquisador, acontece a partir de um convencionalismo lírico tímido, que se estende para o lançamento do jornal literário *Tentativa*, espaço no qual Carneiro dialogou com as fases do modernismo. Nesse momento, é possível conhecer um “primeiro André”, o intervalo entre o fim do jornal e a publicação do primeiro livro de prosa foi preenchido com ensaios sobre os mais diversos temas – Giroldo se ocupa das análises textuais, mas sem esquecer totalmente as imagéticas: *Solidão* (1951) representou o Brasil no 13º Concurso Internacional de Cinema Amador na Escócia; a partir dos poucos frames que ainda restaram, os rostos em primeiro plano de uma mulher e um homem irrompem em uma relação vazia, incompleta e que será tema de muitas histórias. No âmbito da fotografia, Carneiro congela uma nova atmosfera em *Trilhos* (1951), com os rastros de alguma modernidade – em um plano aéreo, o artista nos apresenta um trilho sem bonde, pequenos humanos se movimentam em um trecho urbano parcialmente vazio: a máquina, a mulher e o homem são temas recorrentes do poeta. Se nessa fotografia, os trilhos do bonde – uma máquina tecnológica da época – direcionam nosso olhar, os humanos que nela estão fazem os pontos fora da curva; Carneiro demonstra que a sua capacidade de decomposição não está somente nas palavras, mas nas imagens.

Já em “2 – Carneiro em prosa: os contos e os romances”, Giroldo dedica um capítulo às coletâneas de contos e romances. As análises são intercaladas pelas capas instigantes de cada publicação citada, assim, com ilustrações que passam pela arte abstrata, o corpo humano figurativo, desenhos altamente realistas e a menção a artistas como Hieronymus Bosch e sua formidável capacidade em conceber criaturas e mundos horroríficos – o passeio entre palavras e imagens torna a leitura de fato, mais íntegra.

A primeira análise se concentra em *Diário da nave perdida* (1963), o primeiro volume de contos publicado pelo autor e que surge a partir da Geração GRD, um grupo de autores que se dedicava à FC nacional; contudo, mesmo fazendo parte do grupo, o único texto de Carneiro publicado pela Edições GRD fora o conto “O Começo do Fim”. *Diário da nave perdida* saiu pela

EdArte: surge então um dos livros mais importantes do gênero! Formado por contos como “A escuridão”, resultado de um laboratório em que o autor se privava da visão; “O homem que hipnotizava”, sobre a vida pacata de um homem que passa a se auto-hipnotizar para fugir da realidade; “Diário da nave perdida”, em que um casal perdido no espaço passa a se alienar por meio de drogas; além de títulos como “Noite de amor na galáxia”, “O começo do fim”, “A Organização do Dr. Labuzze” e “A prostituta”. Seu primeiro livro, como assegura Giroldo a partir de suas análises da FC, é um clássico obrigatório do gênero.

Em *O homem que adivinhava* (1966), as temáticas seguem complexificadas, revelando variáveis de leitura cada vez mais contemporâneas – a relação amorosa em “Um casamento perfeito”, o ritual vodu em “Um caso de feitiçaria”, e a visita alienígena em “Invasão”. Nessas histórias, a alteridade ronda as tramas, a justaposição entre conhecido e estranho, como já bem apontada no seminal livro *O que é ficção científica?* (1986), de Braulio Tavares, é comum na FC, todavia, os recortes se mostram cada vez mais políticos e urgentes, principalmente na abordagem de personagens femininas ou ligadas a uma ideia de mulher. Da coletânea ainda fazem parte “A espingarda”, “O mudo” e “O homem que adivinhava”, do qual Giroldo comenta as adaptações esquecidas para o cinema e a telenovela – um típico contratempo brasileiro.

Piscina Livre (1980) se estabelece como um marco, não apenas pelo formato de romance, mas pelas características que serão reiteradas ao longo da carreira. Publicado na Suécia, a distopia apresenta um mundo rígido em que as pessoas mudam de nome todo os dias, sendo a individualização impossível. A sexualidade é outro tema trabalhado: mulheres passam a se interessar por androides justamente por eles se despirem de seus preconceitos, no entanto, essas máquinas passam a apresentar defeitos e o lugar dos humanos imperfeitos é tomado. O medo de perder a dominância acarreta ações reacionárias, e a história se torna uma distopia. Para me utilizar das inúmeras possibilidades de leitura a que Ramiro Giroldo nos leva, aqui proponho um diálogo manifestado a mim pela leitura do livro: a análise que coloca em jogo o natural e o artificial seria capaz de despertar diálogos interessantes em torno de autoras importante para o pensamento em torno da FC, como Donna Haraway, principalmente no que se refere ao surgimento – e aceitação – desses outros corpos, sejam humanos ou não. Mais uma vez Carneiro confirma a sua atualidade!

Amorquia (1991), como bem apresenta Giroldo, é uma obra desafiadora, não linear e, por isso, de difícil apreensão. A surpresa está na magnitude de sua inversão, ela é utópica e distópica ao mesmo tempo; afinal, o mundo perfeito é alcançado pela erradicação da liberdade e o mundo sem

conflitos permanece sempre o mesmo, ultrapassando o pensamento cartesiano. Já em *A Máquina de Hyerónimus e outras histórias* (1997) a experimentação abre portas: a poética, a sugestão e o som, tudo isso em narrativas que se apresentam ora lineares, ora não. O elemento da erotização, largamente trabalhado por Carneiro, está presente desde a capa do livro que expõe uma parte de “O Jardim das Delícias”, de Bosch. Contos como “Não matar animais”, “A nave circular”, “O conseqüente extermínio da divertida espécie humana” apresentam histórias tão curiosas quanto os seus títulos – o estupro, a não fragilidade feminina (tema que renderia hoje imensas discussões feministas) e a instabilidade das certezas (para provocar os positivistas), além de mais outros 15 contos que compõem o livro.

A última coletânea analisada por Giroldo, intitulada *Confissões do inexplicável* (2007), é resultado de anos de trabalho, a despeito do glaucoma do autor. Como explica o pesquisador e professor, nesse momento, o gênero da FC funciona como um ponto de partida para as histórias, além das inserções autobiográficas que já visitaram outros contos. Novamente, a incerteza e a provisoriedade são ferramentas abundantes, o que se confirma pelos títulos da coletânea – “O mapa da estrada”, “Confessionário do inexplicável”, “O inenarrável”, “Nada mais do que a verdade”, “Confesse a verdade”, “Habitar uma formiga” e “O último computador”. Nesses contos, a palavra cria realidades e não apenas nomeia o que já existe, o flerte com o real acaba impossibilitando finais e o outro, de modo alegórico, traz uma sociedade de formigas com o intuito de cotejar o olhar humano e o olhar alienígena.

O terceiro capítulo, “3 – Carneiro em verso”, é dedicado à poesia de André Carneiro, expressão artística que, segundo ele, permite as faces mais sofisticadas da literatura. Ao dispensar a classificação entre escritor e poeta, Carneiro é um artista da palavra e o livro que Giroldo destaca é, justamente, *Espaçoplano* (1963), no qual as páginas foram impressas a partir de xilogravuras – técnica que usa a madeira como matriz – e tem na construção do livro um trabalho extremamente manual: páginas soltas, fitas de cetim e caixa de papelão. Para além da estética, os poemas revisitam temas já frequentes: o efeito da ciência na mente humana e no meio ambiente, a necessidade de preservação do humano diante da tecnologia, e o conflito entre o velho e o novo, escancarando ainda mais a sua relação com a FC – longe, no entanto, de enaltecer as máquinas, mas próximo de germinar a dúvida, como é possível confirmar no breve trecho de “Filho”, em que se configura a imagem da incerteza, ironicamente sem imagem alguma:

Olhos fechados,
não sabes das razões,
nem argumentas.

Giroldo apresenta antologias como *Pássaros florescem* (1988) – premiado na Bienal Nestlé de Poesia e traduzido para o inglês, que prossegue com o desarranjo do eu poético de Carneiro no mundo – e *Quânticos da incerteza* (2007), organizado em quatro segmentos, no qual destaca-se uma de suas obras-primas, “A edênica tarefa”, em que o tema da alteridade é novamente explanado. O mote da antologia é carregado pelo inexplicável, a verdade incompreendida, os limites da palavra e as contradições, almejando uma relação entre passado e futuro bastante cara ao gênero, como vemos em “Só a verdade”:

Paro, nesta linha, e me pergunto
se tenho o direito de planejar o futuro
com o velho código das letras.
Por que não desenho os gestos
e desconverso com estes versos?

Na sequência, a penúltima parte do livro, “4 – Sob a ditadura militar”, começa com o próprio Carneiro contando sobre suas experiências iniciais na primeira semana do Golpe Militar em 1964 no Brasil: o empreendimento da fuga, o refúgio e o medo. Ainda que muito de sua obra tenha sido produzida sob o regime da ditadura e seja, intrinsecamente opositora ao autoritarismo, ela está longe de ser propagandística, como comprova Giroldo. Na verdade, sua provocação está na distopia que o autor “transfigura em seus termos, configurando mundos futuros em que a promiscuidade sexual pode servir tanto ao aprisionamento quanto à libertação humana, simultânea e paradoxalmente” (GIROLDI, 2022, p. 56). Essa perspectiva leva marcadores de diferença cada vez mais mobilizados na feitura e, principalmente, como chave de leitura para a FC – como o gênero e a sexualidade, por exemplo, demonstrando assim, a complexidade de suas histórias. E para além do distópico, ainda é possível citar um conto de última fase – “Gabinete blindado” (2011), que, como resposta ao horror, prevê uma ação revolucionária armada e, como bem relata Giroldo, torna-se um exemplo categórico sobre como uma obra não pode, jamais, permitir a separação entre sua forma e conteúdo.

No último capítulo, “5 – Carneiro nos quânticos da incerteza”, nos deparamos com uma

outra faceta de André Carneiro: a de professor. Ao ministrar oficinas literárias, a condução se dava, sempre, a partir dos termos de cada estudante. Da Confraria resultou uma outra antologia de contos, *Proibido ler de gravata* (2010), do qual participou um importante escritor brasileiro de FC, Mustafá ibn Ali Kanso.

Ao apresentar um artista tão diverso e singular, a dificuldade na hora de classificá-lo também é grande, todavia, promover rótulos não parece ser um bom caminho para compreender Carneiro, tendo em vista a sua obra de caráter transfigurador, inclusive, do próprio gênero pelo qual ficou conhecido e, de maneira mais incisiva, pelo teor confessional de sua prosa. Giroldo apresenta uma discussão acerca da vinculação do autor à FC, e o fato do próprio escritor negar tal filiação, preocupação que não estava no horizonte de sua produção; afinal, o que importava era se o texto funcionava e se era, de fato, criativo. O pesquisador traz contribuições de Fausto Cunha para a empreitada, na qual o jornalista, crítico e escritor comenta ser necessário compreender que a categorização não é capaz de salvar ou condenar alguma obra, mas pode funcionar como uma espécie de ensejo às suas particularidades.

Independente da expressão artística escolhida, a fuga do convencional, a desconfiança do que é absoluto e a curiosidade pelo que é distinto, são marcas da obra de Carneiro que são passíveis de comprovação, justamente por conta dos apontamentos e análises empenhadas em torno das obras. Por fim, o autor do ensaio mostra uma imbricação com a psicanálise – uma chave possível de interpretação das histórias a partir da “terceira ferida narcísica”, ou seja, a ideia de que a consciência deriva de processos inconscientes sobre os quais não possuímos o controle, desarticulando a razão cartesiana. Outra marca apontada por Giroldo é o papel do prazer e desprazer: é pelo segundo que somos capazes de compreender que não somos uno com o mundo. Tal perspectiva fora amplamente trabalhada nas distopias erotizadas – os desarranjos provocam o desprazer que, conseqüentemente, força uma percepção outra das coisas, e tudo isso significa uma coisa: não ter convicção de nada. Ao não rematar a certeza em suas histórias, Carneiro provou-se não um homem de seu tempo, mas um ser do tempo, seja ele qual for, e por isso provocou e ainda provoca a liberdade de pensamentos.

Ao final do livro, encontramos uma lista de todas as obras citadas – tanto as de André Carneiro quanto as de outros autores que Ramiro Giroldo utilizou em sua pesquisa – apresentando-se como um rico documento de consulta para pesquisadoras, pesquisadores da área ou curiosas e curiosos sobre a literatura brasileira. Neste último trecho também encontramos a capa de dois

livros de fotografia do artista: *André Carneiro: fotografias* (2016), com organização de Mauricio Soares Carneiro e *Fotografias achadas, perdidas e construídas* (2009). Tal alargamento nas páginas finais me parece muito bem-vindo, já que permite a abertura de portas, novas análises e outros caminhos possíveis para conhecermos André Carneiro.

E é assim, de maneira aberta, mas não por isso pouco imprecisa que o ensaio de Ramiro Giroldo se faz. Seu texto aponta sempre para as inúmeras possibilidades de leitura e interpretação de Carneiro, não limitando as obras ao seu primeiro e mais raso olhar, mas abrindo-as a novos olhos e ouvidos, capazes de absorver e fascinados para exalar. O ensaio de Giroldo nos apresenta um Carneiro em profundidade, humano, coletivo e que nos faz querer saber mais – ler mais e ver mais. *André Carneiro nos quânticos da incerteza: o centenário* é um admirável texto de apresentação, incontornável aos acadêmicos e fãs, profundo e, por isso mesmo, vivo, já que nos faz sair em busca de ainda mais páginas.

Bibliografia

BENJAMIN, Walter. **O anjo da história**. Organização e tradução de João Barreto. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

HARAWAY, Donna J. Manifesto ciborgue – Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz (org.). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica Editora, pp. 31-118, 2009.